O MUNDO NO PAPEL: OS MÚLTIPLOS SIGNIFICADOS DA ESCRITA COMO FONTE PRIMÁRIA DA PESQUISA EM FILOLOGIA.

Fabrício dos Santos Brandão[*]
Marinêz Aparecida Almeida da Silva[**]

Resumo: *O mundo no papel legou à humanidade a sua própria história no tempo e no espaço. O intuito de encontrar um real valor sobre a cultura da escrita levou o grupo de Edição de Textos a intercalar as diferentes leituras e informações do pensamento humano, assim como, a preservação documental manuscrita na cidade de Feira de Santana e região circunvizinha. Este Patrimônio Documental propiciou o diálogo entre as diversas áreas do saber, objetivando garantir às gerações vindouras os reflexos históricos, culturais, políticos e literários que eclodiram ou não em determinado momento e lugar da nossa história. Por isso, a presente proposta de estudo visa examinar as práticas discursivas que o texto assume a partir da natureza a que se destina, dentre elas: a genealogia, o direito, a filologia e a literatura.*

Palavras-chave: Escrita; Memória; Filologia e História.

1. INTRODUÇÃO

Por que trabalhar com documentos? E quando estes são antigos? A partir das indagações vão surgindo várias respostas que, na verdade, servem mais para perguntar do que esclarecer alguma coisa.

O primeiro contato com o manuscrito pode levá-lo a considerar aquela atividade como algo inútil e sem relevância. Por isso, entender o empenho dos mineiros quando estes, ao garimparem, buscam a pedra mais preciosa e valiosa para depois disso transformá-la em uma grande jóia e relacionar esta atividade com a estabelecida pelo filólogo com o texto, aquilo que antes parecera velho, destinado apenas ao lixo, adquire um valor inestimável.

O sentido de se debruçar sobre o texto parte da atitude do leitor em relação a este, ou seja, o que pode oferecer os registros enquanto testemunho, lembrança e dimensão temporal. Mais uma vez o indivíduo se depara com uma situação de questionamento diante do documento e é esta mesma condição capaz de torná-lo um curioso, um estudioso do texto.

Se esse exercício esclarece e direciona as curiosidades que cercam a história, certamente ter-se-á uma fonte inesgotável de informações. Assim, a depender da natureza destinada ao texto poderá existir uma dimensão cultural, religiosa, social e econômica que refletirá uma época e um lugar.

Nesta perspectiva, objetiva-se entender como a Filologia e a questão patrimonial, especificamente de acervos documentais, podem-se intercalar para resgatar a memória na cidade de Feira de Santana. Desse modo, a preocupação acerca da temática passa a ser tecida quando se toma consciência da necessidade de garantir à posterioridade a sua história em determinado tempo e espaço social.

---

[*] Autor - Graduado em Letras com Espanhol e pesquisador do Grupo de Edição de Textos da UEFS, sob a coordenação da profª Dra. Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz.
[**] Co-autora - Graduada em Letras Vernáculas pela UEFS.

Para isso, Auerbach (1972, p.11) afirma que a sociedade deve estar despertada para:

> *A necessidade de constituir textos autênticos se faz sentir quando um povo de alta civilização toma consciência dessa civilização e deseja preservar dos estragos do tempo as obras que constituem o patrimônio espiritual; salvá-las não somente do olvido como também das alterações, mutilações e adições que o uso popular, o desleixo dos copistas nelas introduzem necessariamente. Tal necessidade se fez sentir na época dita helenística da Antiguidade grega no terceiro século a.C., quando os eruditos que tinham seu centro de atividades em Alexandria registraram por escrito os textos da poesia grega, sobretudo de Homero, dando-lhes forma definitiva.*

A importância assumida pela escrita ao longo dos tempos foi e é um problema para a humanidade, isto porque desde o seu advento o mundo no papel tornou-se um recurso mnemônico e ambíguo, apresentando muitas vezes o domínio de certos grupos, sobre as ideologias de outros e, dessa maneira, fora sendo passado sem nenhum labor criterioso capaz de verificar as falsidades dos registros.

Diante de tal condição, pergunta-se como lidar com o texto antigo quando o próprio é utilizado como uma fonte de pesquisa primária, qual a procedência aconselhável e mais segura a ser seguida pelo leitor/pesquisador para, então, colocar-se frente a frente com a história-testemunho. É esta particularidade da Filologia que a singulariza enquanto um campo da linguagem, pela fidedignidade aos fatos registrados, pela imparcialidade colocada diante dos dados lingüísticos oferecidos pelo texto.

A arte de documentar, ou melhor, de transpor um ambiente dominado por crenças, ideologias, idiossincrasias culturais para o mundo gráfico procede desde o momento em que o homem sentiu a necessidade de traduzir os seus sentimentos, emoções e, principalmente, o seu pensamento.

A preocupação com a lembrança, a recordação de maneira mais envolvente, fez da escrita uma das possibilidades para o dito não se perder. Destarte, os latinos, ao dizerem *Verba volant scripta manet*[1], não estavam negando a fala, mas sim afirmando aquilo mencionado por Astle (*apud* OLSON, 1997, p.1): “A mais nobre aquisição da humanidade é a fala, e a arte mais útil é a escrita.”

Por sua vez, a escrita assume, neste contexto, duas dimensões: uma de texto lembrete, outra como texto de representação. Assim, será abordado o trabalho aqui proposto na tentativa de compreender os elementos subjacentes apresentados nos documentos, procurando por via destas observações o que é necessário para torná-los parte integrante da educação Patrimonial no âmbito de Feira de Santana.

2. O ESPÍRITO DO TEXTO: DO DISCURSO À HISTÓRIA

O mundo no papel trouxe para o âmbito social o texto com suas representações. No Ocidente, de modo especial, o acesso à informação foi utilizado como forma de poder, ou seja, a produção do conhecimento restringiu-se ao seleto grupo monástico, mas sempre submetidos à autoridade espiritual do bispo.

Na Idade Média, em uma primeira parte desta era, o texto vai moldando-se à prática manuscrita. O manuscrito de então representa a cultura da escrita, neste período dominá-la garantia à vida monástica a manipulação e o controle do pensamento humano em vigência. Por outro lado, assistiu-se gradativamente à invenção da imprensa, logo o campo das palavras foi marcado por duas fases: a do texto manuscrito e a do texto impresso.

---

[1] Esta é uma expressão latina que significa “As palavras voam mas o que está escrito permanece”.

A imprensa deslocou o texto do espaço privado para o público, isto porque os primeiros medievalistas o conservava no recesso de mosteiros, conventos e bibliotecas particulares, o que posteriormente, com a chegada do livro, mesmo pouco difundido, permitiu aos profanos conhecer obras só encontradas sob a guarda clerical.

Assim, esta propagação trouxe também para o texto uma preocupação acerca da hermenêutica e exegese. Dominadas por suas convicções, ciência e religião começam a se desenvolver paralelamente no mundo ocidental até a Reforma, distinguindo-se em seguida, por causa das oportunidades oferecidas pelos materiais impressos.

Acredita-se, então, que a partir da imprensa o homem foi colocado diante de Deus, pois esta trouxe para a propriedade do público as Escrituras, tirando a função da igreja como mediadora com o divino.

Nesta perspectiva, o cerne desta discussão é entender o tratamento dado ao texto antes e depois do surgimento da Reforma e das Ciências Modernas. Na Idade Média o documento era visto como um padrão para o mundo, não se admitia interpretação e nem teorias, pois estas eram algo da imaginação. Na verdade, a idéia atribuída à escrita era muito subjetiva porque neste período, conhecido como Medieval, as entrelinhas funcionavam como busca das epifanias e isto levou, por um longínquo tempo, o homem a crer que só existia um único sentido histórico de se conceber as coisas.

Com a Renascença, as primeiras tentativas de entender as significações textuais já principiavam a preocupação do indivíduo com o espírito da *scripta,* principalmente com as questões relativas à sua interpretação.

Olson(1997, p.160) afirma:

> *No começo daquele período, os textos eram vistos como uma fonte ilimitada, da qual era possível extrair um suprimento inesgotável de significados; no seu final, o sentido de um texto estava ancorado com toda sobriedade na evidência textual. Esta última noção do sentido do texto permitiu distinguir firmemente o que o texto significa do que nele é encontrado pelos seus leitores excessivamente zelosos; se fez também com que se estendesse de modo novo a relação entre o que é dado objetivamente - o que era extraído erroneamente do texto.*

Percebe-se aí que, acompanhando a nova forma de leitura vem a nova forma de escrever. Desse modo, a escrita representa novas habilidades de ver e pensar sobre o mundo e a mente, levando a criar a história das mentalidades.

A história das mentalidades está a analisar os diferentes caminhos em relação ao que representa a memória nas diversas áreas do saber. A memória aqui assume uma dimensão social por se interessar em discutir o papel desempenhado pelo filólogo, historiador, literato, genealogista e todos aqueles que têm o registro gráfico do discurso como fonte de conhecimento.

No seio de uma sociedade considerada pós-moderna, a crise de paradigmas trouxe consigo o prefixo “des”, exigindo cada vez mais a presença de profissionais capazes de desconstruir a história de um passado burguês para propor uma história vista por baixo, ou seja, aquela que descontinuamente vê os fatos e os acontecimentos procurando entendê-los, porque o processo tomou dado rumo e não outro.

Entretanto, do ponto de vista historiográfico o empenho destes pesquisadores terá muito a contribuir para uma outra história das sociedades, por isso, faz-se necessário, em especial no Brasil, uma prática de Educação Patrimonial mais visível. E aí a presença de investigadores, em particular a do filólogo, é de suma importância para dar à luz as instâncias do passado.

Trata-se do labor filológico caracterizado pela ida às fontes, representando neste âmbito a mesma relação que os mineiros têm ao escavarem o solo à procura de valiosas pedras, pois não se rendem à vontade interminável de alcançar preciosos minérios. De maneira parecida deve-se

comportar o filólogo ao se deparar com o manuscrito, tendo a preocupação de oferecer ao público leitor um texto fidedigno à época em que foi produzido para, então, revelar as informações indispensáveis para o pesquisador que por ventura venha a se interessar em estudar algum aspecto presente no documento.

Os benefícios proporcionados pelo estudo dos manuscritos são incalculáveis, porque diante de um documento tanto os lingüistas quanto os historiadores, os genealogistas e sociólogos podem gozar das muitas oportunidades e dos conhecimentos trazidos por meio do contato com estes.

Tomando como base a produção manuscrita no Brasil do século XIX, observa-se que a formalidade para se comunicar algo a alguém era dado através de: Abaixo-assinados, Cartas de Alforria, Correspondência Pessoal, Inventários e outros. Assim, uma Queixa- Crime pode interessar ao lingüista apenas quanto aos fenômenos da linguagem falada ou escrita. Por outro lado, para a área do Direito o mais interessante é compreender como eram abordadas as questões de jurisprudência naquele instante.

Destarte, o texto como fonte de pesquisa primária está voltado mais para perguntar do que responder, diferente do momento medievo em que a relação texto / leitura foi afetado pela subjetividade das coisas, conduzindo o homem a ver e atribuir valores ao próprio mundo através da concepção cristã.

Cabe às práticas discursivas que alimentam as ciências modernas estabelecerem a diferença entre leitores da Idade Média com os da atualidade, indicando como estes se posicionavam e posicionam diante das inscrições, ou melhor, como as interpretam. No medievo, interpretar uma escritura estava condenado a primar por um sentido histórico ímpar. Na era pós-moderna ocorre de forma dessemelhante, o leitor crítico atenta-se não só ao que o texto diz, ou quer dizer, diferencia o que o autor tenta fazer crer daquilo que ele, o leitor , está desejando acreditar.

3. LIÇÃO CONSERVADORA

O próprio nome conservar dá a entender a necessidade de resguardar algo de qualquer dano e, neste rumo, a prática filológica se assemelha à dimensão em que busca explicar o texto nas suas formalidades.

Nesta dinâmica, o labor desta ciência da linguagem e todas aquelas que têm o texto como origem de investigação precisam criar meios de visibilidade para que as instâncias anteriores estejam mais próximas da memória social.

Assim, o entusiasmo do filólogo poderá garantir às gerações sucedâneas a cultura da escrita, salvaguardando-a tanto do olvido como da destruição material do suporte que a comporta, ou seja, o texto manuscrito ou impresso, para que cheguem ao conhecimento de todos e quaisquer pesquisadores o pensamento humano em diferentes contextos sociais em que fora produzido.

Na realização deste intento, faz-se necessário que o filólogo se alicerce de caminhos que permitam testemunhar a dúvida de que um texto é genuíno ou não, para isso, a pesquisa terá que propiciar, por meio do seu objeto de trabalho, a edição, à volta ou a tentativa mais próxima da forma original de um documento escrito.

O papel da lição conservadora assume aí o sentido mais fiel ao se dirigir à escrita, porque apresenta uma via que penetra num determinado contexto, para entender como certos processos ocorreram, principalmente quando se objetiva alcançar o estudo da língua, momento em que preservar o texto na sua grafia original possibilita aos estudiosos desta natureza compreender como se deram certas mudanças e variações lingüísticas.

O caráter da lição conservadora explicita claramente que esta é a mais aconselhável ao se editar um texto, pois prestigia o primeiro momento de sua linguagem, assegurando ao possível

investigador que por ventura venha a se interessar a estudar o texto um vasto conteúdo: a língua, alusões históricas, valor literário, determinação da autenticidade dos testemunhos, dentre outros. Não se pretende aqui priorizar o valor conservador de uma edição em relação às edições modernizadas, mas sim, como estas podem ser contrastadas sem afetar a legitimidade do texto.

Enquanto a lição conservadora respeita o movimento da escrita e seus equívocos, a modernizada busca levar ao alcance do público um texto mais perto da sua realidade lingüística.

Na intersecção destas duas nascentes textuais Telles (2003, p. 21) diz: "A filologia utiliza a lingüística para estudar os textos e a lingüística usa os textos para descrever a língua".

Nessa direção, o método filológico estabelece com o método lingüístico uma relação de complementaridade, muito embora o primeiro apóie o segundo à proporção que oferece um texto fidedigno. Nota-se, então, o quão é importante o estudo da língua para que o editor não venha equivocadamente interferir no texto com um novo dado lingüístico, coisa muito comum de se suceder com aqueles que vêem na Filologia Textual um trabalho tecnicista e metódico e assim a despreza.

Este trabalho árduo e exaustivo de se debruçar sobre o documento com o intuito de decifrar caracteres, tem a responsabilidade de fazer da filologia o lugar em que a memória das sociedades, isto é, o texto e sua autenticidade convidem a uma reflexão e a um tratamento mais sério ao que é dado como verdade= Castro (1995, p. 511) esta problemática tem levado:

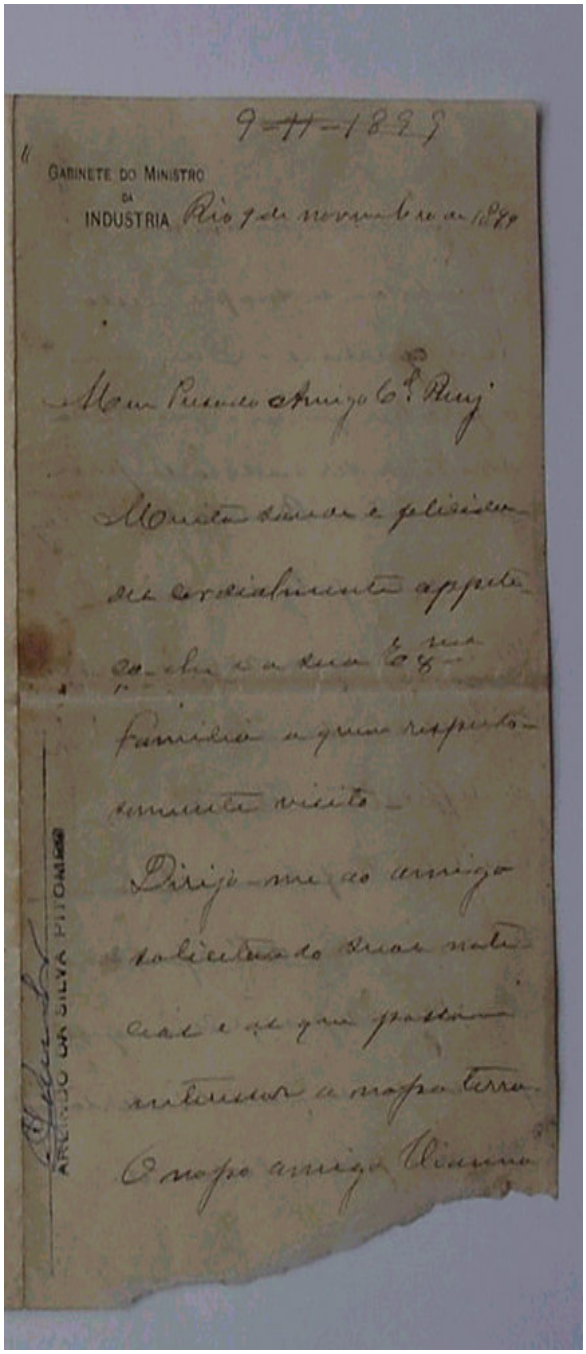
> *...muitos críticos literários, professores de literatura, historiadores e demais estudiosos que operam sobre o texto escrito se contentam com a primeira edição que lhe cai na mão, quando não escolhem especificamente a mais portátil e barata, desinteressados de essa ser também, com certeza, a que lhes oferece o texto menos apurado, não pode deixar de concordar com a ordem de propriedades estabelecidas por de Man.*

3.1 A Edição

O documento editado faz parte do acervo da Biblioteca Monsenhor Renato de Andrade Galvão, sediado no Museu Casa do Sertão, órgão da Universidade Estadual de Feira de Santana. Trata-se de uma Correspondência Pessoal em duas folhas de nota, escritas por completo, apresentando no ângulo superior esquerdo o timbre do "Gabinete do Ministro da Indústria", tendo como remetente uma ilustre personalidade presente no cenário baiano dos séculos XIX e XX chamado Severino Vieira.

Para a transcrição foram seguidos os critérios adotados no projeto "Documentação de Feira de Santana: um trabalho lingüístico-filológico". Realizou-se a edição semidiplomática, ou seja, aquela que vai se manter fiel ao texto, independentemente de qualquer período, respeitando: Grafia (letras e algarismos), linhas, fólio; numeração do texto fólio a fólio; separação das palavras unidas e união das separadas; desdobramento das abreviaturas, apresentando-as em itálico e negrito; utilização de colchetes para as interpolações e chaves para as letras e palavras expurgadas; indicação das rasuras ilegíveis com o auxílio de colchetes e reticências; e expontuação das letras de leitura duvidosa.

FAC-SÍMILE



TRANSCRIÇÃO

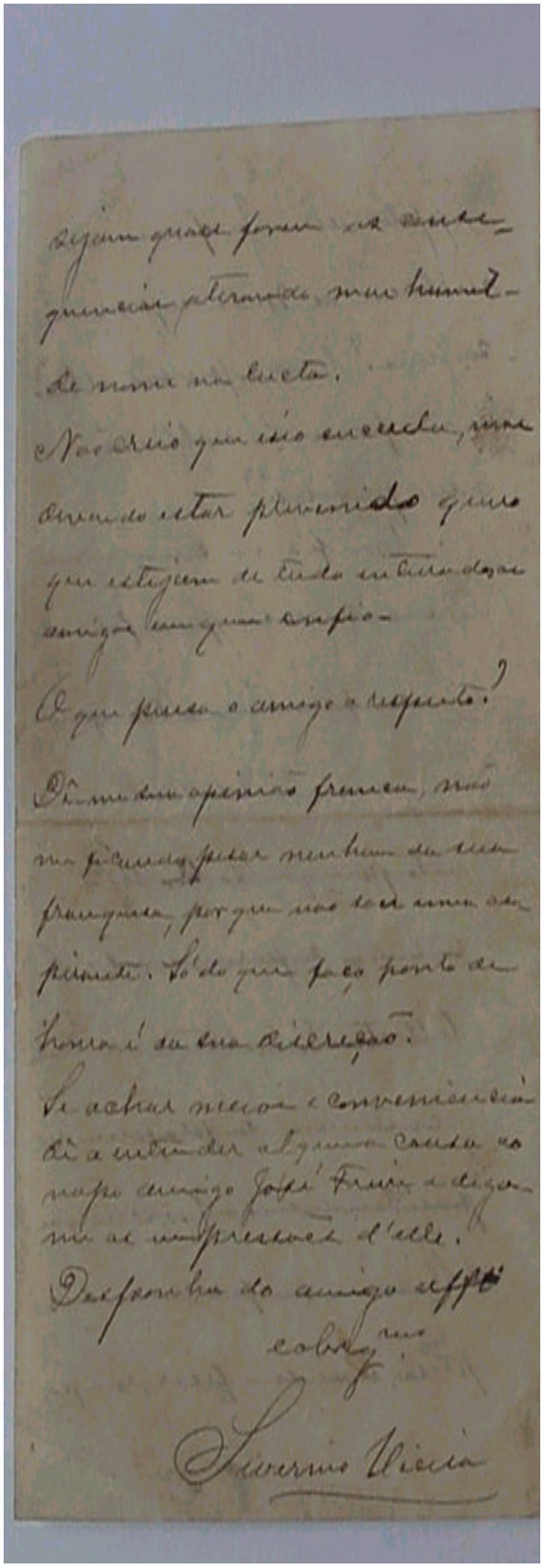
fº1 rº

9-11-1899

Rio[de Janeiro] 9 de novembro de 1899

Meu prezado amigo C*oron*el Ruy

Muita saude e felicida-
des cordialmente appete-
ço- lhe e a sua (....)
Familia a quem respeito-
samente visito
Dirijo-me ao amigos
solicitando suas noti-
cias e as que possam
interessar a nossa terra
O nosso amigo Vianna



fº 2 rº

Sejam quais forem as conse-
quencias aterando meu humil-
de nome no lucto.
Não creio que isso succeda, mas
Devendo estar prevenido quero
Que estejam de tudo inteirados ou
amigos em que confio.
O que pensa o amigo a respeito?
Dê-me sua opinião franca, não
Me ficando pesar nenhum da sua
Franqueza, porque não sou um as-
pirante. Só acho que faço ponto de
honra é de sua discrição.
Se achar meios e conveniencias
Dê a entender alguma cousa ao
ao nosso amigo José Freire e diga-
me as impressões d'elle.
Disponha do amigo aff*ectuoso*
e o obrigado

Siverino Vieira

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que esta provocação e as poucas observações venham a levar pesquisadores e estudantes, das mais diversas áreas do conhecimento, a refletirem sobre o texto e seus aspectos, principalmente quando estes falam de nossa memória, nos dando sentido e a nosso mundo. Cabe ao leitor fazer do texto o que os grandes costureiros fazem com o tecido, cortam, ajustam a um corpo e só depois finalizam dando origem a uma roupa.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. **Lírica de Camões**: 2. Sonetos. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1989.

BERARDINELLI, Cleonice Serôa da Mota. **Sonetos de Camões: corpus dos sonetos camonianos**. Lisbonne; Paris. Centre Cultural Portugais / Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980.

CASTRO, Ivo. O retorno à filologia. In: PEREIRA, Cilene da Cunha ; PEREIRA, Paulo Roberto Dias. **Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários "in memorian" Celso Cunha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1995. p. 511-20.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão et Al. 4.ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 1996.

OLSON, David R. **O mundo no papel**: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita. Tradução Sérgio Bath. São Paulo: Ática,1997.

TELLES, Célia Marques. Que textos são oferecidos aos estudantes? **Revista do Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste – GELNE**, João Pessoa, ano 5, n. 1 e 2, p. 21-28, 2003.

_____. A Crítica textual no Brasil: um esboço historiográfico. **Estudos Lingüísticos e Literários**, Salvador, n. 21/22, p. 39-58,1998.